

Iniciação à docência: o olhar do professor regente sobre a formação de futuros professores

Luciana Lima Rodrigues¹ (FM)*, Elisa Prestes Massena² (PQ), Ivete Maria dos Santos² (PQ)

1 – Centro Estadual de Educação Profissional em Biotecnologia e Saúde – Rua Antônio Muniz, s/n – Pontalzinho-45600-625 - Itabuna/BA.

2 – Universidade Estadual de Santa Cruz – Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas – Rodovia Ilhéus-Itabuna Km-16 s/n – 45662-000, Ilhéus/BA.

*lucianapolivalente@yahoo.com.br.

Palavras-Chave: PIBID, formação de professores, ensino de Química.

Resumo: A distância entre as Universidades e as escolas de Ensino Básico, sempre foi um problema para o ensino público de qualidade, em função disto, os professores universitários vêm estreitando os laços entre as duas. Desta forma o professor da Educação Básica, deixa de ser apenas objeto de pesquisa, para se tornar sujeito do conhecimento. O PIBID Química/UESC é um projeto, que está auxiliando e proporcionando mudanças e avanços significativos, na prática do professor de Química do Centro Estadual de Educação Profissional em Biotecnologia e Saúde (CEEP), localizado em Itabuna e na formação inicial de licenciandos do curso de Licenciatura em Química, além de incentivar à iniciação dos licenciandos à prática docente.

Introdução

Nos dias atuais, existe ainda um grande distanciamento entre a escola e a universidade, mas alguns programas tentam diminuir essa distância. Acredito que o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um desses programas que com suas questões e indagações busca pensar a relação escola-universidade de uma forma menos distante. Segundo o Site do Ministério da Educação e Cultura - MEC (2012), o Programa oferece bolsas aos alunos dos cursos de diversas licenciaturas, que desenvolvem atividades em escolas públicas do Ensino Médio, estimulando-os ao compromisso com o magistério na rede pública, após graduarem-se. Também incentiva à formação de professores para a Educação Básica, principalmente nas áreas de maior carência de professores com formação específica, tais como Química, Física e Matemática. Além disto, proporciona um diálogo constante entre professores da Educação Básica e professores universitários, contribuindo para a formação continuada e a prática pedagógica dos mesmos. Desta forma, o programa é mais um recurso que pode contribuir na elevação da qualidade do ensino público. Haja vista que

a intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) esteja abaixo da média nacional, de 4,4 (MEC, 2012, não paginado).

Nas universidades públicas, os cursos de licenciatura, nem sempre conseguem retratar a realidade a qual os licenciandos irão enfrentar posteriormente, pois as discussões realizadas em sala de aula, muitas vezes se baseiam em situações de uma educação ideal, algumas vezes fora do contexto da educação pública em nosso país. Em minha formação isto foi muito evidente, pois eu já trabalhava em uma escola pública (na cidade de Itabuna), e podia comparar as diferenças entre os problemas

encontrados na sala de aula e os discutidos no curso de Licenciatura em Química. Segundo Tardif (2005) estas diferenças ocorrem quando

os educadores e os pesquisadores, o corpo docente e a comunidade científica tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si (TARDIF, 2005, p. 35).

Ainda no curso de graduação, percebi que muitas disciplinas de conteúdo específicos da Química, seguiam isoladas das disciplinas pedagógicas e vice-versa, existia pouca relação entre os dois grupos de disciplinas. De acordo com Saviani (2009) as universidades não se preocupam com o preparo didático-pedagógico dos professores.

Naquela época, isto se refletia nos projetos da área de educação, pois além de serem poucos, as bolsas para pesquisa nesta área, eram pouco atraentes aos licenciandos.

Se formos analisar os cursos de licenciatura, observamos em algumas pesquisas que estes cursos não são atraentes aos estudantes, visto que estes são os cursos que mais apresentam vagas não preenchidas nas instituições de ensino superior. Em 2002, 6% das vagas na rede pública e 41% na rede privada não foram preenchidas (BRASIL, 2004, p. 9). Constata-se ainda, “como áreas críticas, onde o número de licenciados está muito abaixo da demanda estimada, as disciplinas de Química e Física.” Ainda segundo o INEP (BRASIL) os dados também apontaram para uma necessidade de mais de 55 mil professores de Química para atuarem no Ensino Médio e Fundamental II, mas os dados estimados de licenciados até 2010 eram de pouco mais que 25 mil. Até 2001 apenas 13.559 licenciados saíram dos bancos universitários.

Segundo Ruiz et al. (2007), são vários os motivos para a alta evasão nos cursos de licenciatura, que podem ir das sucessivas repetências à falta de recursos para se manter no curso. Podemos perceber que mesmo nas universidades públicas, os alunos têm despesas altas, como transporte, xerox, livros etc. que podem interferir na desistência do curso.

Estudos realizados em 1997, pela ANDIFES, ABRUEM, SESu e MEC revelaram que o maior índice de evasão nas licenciaturas está nos cursos de Química, chegando em 1997 a 75%. Segundo Zucco (2007), desta pesquisa, pode-se inferir que os cursos de Bacharelado em Química têm evasão menor que a média nacional e que a alta evasão nos cursos de Licenciatura é que empurra a alta média de evasão nos cursos de Química.

Tomando como exemplo a Universidade de São Paulo (USP), ainda segundo Ruiz et al. (2007), esta universidade formou 172 professores na área de Matemática, Biologia, Física e Química, do total apresentado, 52 professores formaram-se em Física, 42 em Biologia, 68 em Matemática e apenas 10 em Química.

Ainda devemos “considerar que nem todos os concluintes com licenciatura atuarão necessariamente, como professores” (BRASIL, 2004, p. 12). Até porque, segundo Maldaner (2006), se compararmos as situações reais enfrentadas pelos professores e outros profissionais, percebemos que as situações que os professores enfrentam, são bem mais distantes das situações abordadas em seus cursos. Tornando o exercício do magistério uma tarefa extremamente complexa.

Com base nestas informações, pode-se inferir que não há professores com formação específica suficiente para atender a demanda do país. O que poderá

ocasionar o chamado “Apagão do Ensino Médio”. Todo este quadro vai se refletir na qualidade da Educação Básica e, conseqüentemente, na formação do cidadão.

Neste contexto, se faz necessário a interlocução entre escolas e universidades, na construção de um ambiente de diálogo entre professores e futuros professores, onde se possam trocar experiências e o futuro professor possa ingressar na carreira já sabendo das dificuldades que irá encontrar, e de como poderá lidar com elas.

Este trabalho sugere uma reflexão sobre a situação real do ensino público de Química, na busca da consolidação dos avanços que a integração e o diálogo, escola-PIBID podem sugerir como alternativa a parceria escola-universidade, na busca de um ensino público de qualidade.

Um breve histórico sobre o colégio em questão

Em 2009, o IDEB da até então, Escola Polivalente de Itabuna (hoje, Centro Estadual de Educação Profissional em Biotecnologia e Saúde - CEEP) era de 2,1, um índice bem abaixo da média nacional citada acima.

O CEEP fica situado no Centro da cidade de Itabuna – BA onde atende cerca de 900 alunos anualmente, todos em cursos profissionalizantes nas modalidades: Profissionalizante em Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), Subsequente e Integrado ao Ensino Médio, nos três turnos. Por se tratar de ensino profissionalizante (Técnico em Nutrição e Dietética, Enfermagem, Gerência em Saúde, Biotecnologia e Segurança do Trabalho), os alunos têm disciplinas específicas já no primeiro ano do curso e a partir do 2º ano (para os cursos integrados) e 2º semestre, inicia-se o estágio curricular (para os cursos semestrais).

O perfil dos alunos do CEEP não é muito diferente dos alunos dos cursos de formação geral, pois, mesmo nas turmas de adultos, a maioria não costuma cumprir prazos para entrega de trabalhos e relatórios, não têm uma rotina para estudos, não sabem fazer pesquisas (apenas copiam e colam da internet, ou copiam de livros), poucos costumam realizar tarefas em casa, e normalmente, só estudam as vésperas das provas.

Como consequência, tem-se um elevado índice de evasão. Em algumas turmas, chega a 50%. O aluno compreende que o curso técnico exige mais estudo e mais tempo de dedicação que os cursos de formação geral, mas mesmo assim, não se dedicam como deveriam. Muitos acham o curso “puxado” e quando ocorre reprovação em alguma disciplina, não conseguem conciliar a dependência (que deve ser cursada em turno oposto) mais as disciplinas normais do curso, e ainda, dependendo do semestre, o estágio curricular.

O número de reprovação não é alto, até porque a oportunidade de fazer dependência apenas da disciplina que não atingiu a média, ajuda a diminuir estes números, mas mesmo assim, o colégio atinge números muito baixos nos exames e avaliações nacionais. Esta realidade causa perturbação aos professores, porém pouco se vê, na escola, ações que possam ajudar a mudar este quadro.

Inquietações da prática docente

Durante o meu curso de licenciatura, a educação profissional ainda não estava estabelecida enquanto modalidade de ensino, e acontecia apenas em instituições especializadas neste tipo de ensino. Portanto, não havia na academia, discussão sobre a prática e a relação do ensino de Química com o profissional técnico específico. Ao me defrontar com esta realidade, despertou em mim e nos colegas da escola, uma

inquietação muito grande, principalmente, porque não nos foi ofertado nenhum curso que nos qualificasse para atuarmos nesta modalidade de ensino.

Como professora de Química, tento ficar atenta às questões voltadas ao ensino, a fim de proporcionar uma educação de qualidade e significativa, aos futuros profissionais técnicos, fazendo uma interlocução da Química, com o mundo do trabalho. Procuro refletir sobre minha prática pedagógica. Estou constantemente pesquisando e buscando materiais que facilitem o processo ensino-aprendizagem, em busca de um ensino pouco tradicional.

Para isto, na medida do possível, estou sempre participando de encontros, debates e discussões sobre o ensino, principalmente, sobre o ensino de Química. Um hábito que adquiri ainda na universidade. Porém, em alguns momentos, a participação nestes encontros, se tornaram maçantes e cansativos, pois se ouvia sempre os mesmos discursos e as mesmas condenações aos professores, da Educação Básica, como se todas as mazelas da educação fossem de responsabilidade, pura e simplesmente dos professores. Em alguns momentos, percebi, assim como Tardif (2005, p. 259) que “os pesquisadores se interessam muito mais pelo que os professores deveriam ser, fazer e saber do que pelo que eles são, fazem e sabem realmente.”

Desta forma, a falta de motivação para a frequência em eventos, acaba sendo evidenciada e concretizada junto às dificuldades impostas pela escola e tarefas do dia a dia do professor: densa carga horária semanal, planejar e preparar aulas, corrigir atividades, preparar material didático, dentre outras atividades.

Pensando nisto, surgiu a motivação para a realização de um subprojeto do PIBID da área de Química na UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz, tendo como objetivo geral

promover a formação inicial de professores de Química de modo a permitir melhorias na qualidade do ensino na região Sul da Bahia, incentivando uma maior interação Escola-Universidade, possibilitando ainda a alfabetização científica e a formação de estudantes de nível médio mais críticos (PIBID, 2009, p. 1)

O baixo índice da escola em questão, no IDEB, além do quadro relatado acima sobre a mesma, foram pontos decisivos no momento de escolher a instituição onde o projeto foi implantado a fim de que pudesse atender seus objetivos.

Avanços na prática docente, decorrente da integração PIBID-escola

O projeto do PIBID aprovado pela UESC, conta com dez alunos bolsistas-estudantes da Licenciatura em Química, uma professora coordenadora da área, uma professora colaboradora e uma professora supervisora dos bolsistas, que é a professora da disciplina de Química, na Unidade Escolar.

Os 10 bolsistas do PIBID chegaram à escola em maio de 2010 e permanecem até hoje. Embora o grupo não seja o mesmo desde quando o projeto foi iniciado, devido a diversos fatores, entre eles, a conclusão do curso de alguns bolsistas. Todos eles são dedicados as atividades escolares e se enturmaram com facilidade no ambiente escolar, criando laços entre os bolsistas e os alunos. Fator que pode ser determinante no ingresso ao magistério, pois vários autores vêm defendendo que,

o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que,

portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem (LEITE; TASSONI, 2002, p. 2).

Uma das atividades diárias dos bolsistas é acompanhar as aulas da disciplina, para observação e assistência tanto da professora como dos alunos. Para isto, seus horários são distribuídos em turnos, de acordo com os horários da professora, que atua na escola, em um regime de 40 horas, resultando em 14 turmas semanais, distribuídas pelos 3 turnos (até o ano de 2011): sendo um dia pela manhã, três dias no período da tarde e 4 dias no turno noturno. Os pibidianos foram distribuídos em diferentes turmas, conforme os turnos de trabalho, de forma que 10 turmas foram acompanhadas.

Os horários deles estão organizados de forma que eles estejam presentes na Unidade escolar durante dois dias da semana, dos quais um dos dias, para acompanhamento da sala de aula, e outro dia, eles estariam à disposição dos alunos para esclarecerem dúvidas, ajudar a resolverem atividades e orientação a trabalhos escolares, como relatórios de aula prática.

As observações, não se limitavam apenas à sala de aula, mas eram extensivos ao ambiente escolar, dessa forma, eles tiveram oportunidade de conhecer e observar o comportamento dos diversos profissionais da educação que atuam no estabelecimento e perceber que a educação não é realizada apenas por professores, mas sim por todos os profissionais inseridos no ambiente escolar. Atividade extremamente importante, confirmada por Tardif (2005, p. 70) que relata: “do ponto de vista profissional e do ponto de vista da carreira, saber como viver numa escola é tão importante quanto saber ensinar na sala de aula.”

Neste período pode-se observar que a maioria dos alunos da unidade não tem o hábito de estudar, pois, em todo o período que os pibidianos estavam à disposição deles, poucos eram os que procuravam para receber auxílio. Isto também ocorre nos cursos de nível superior, como revelam os estudos de Oliveira, et al. (2008)

O ato de estudar, na realidade, se inicia na sala de aula, com a atenção que o aluno deve dispensar ao ato de ensinar do professor, que por sua vez, deve ser um facilitador nesse processo, ou seja, deve promover o encontro do aluno com o conhecimento específico da disciplina em estudo de modo que esse conhecimento passe a fazer parte dos sujeitos de forma alquimeica (OLIVEIRA et al., 2008, p. 1).

O que se observa em sala de aula, é que na maioria das vezes, o aluno, costuma apenas escutar passivamente o que o professor diz, sem se preocupar em questionar ou debater estas informações. A preocupação dele é apenas ser aprovado nas disciplinas, para isto, apenas se preocupam em revisar os assuntos na véspera das provas (Oliveira, et al., 2008).

A falta do hábito de estudar reportada aos alunos dos cursos profissionalizantes, da unidade escolar, são os mesmos citados acima, aliado à falta de maturidade do aluno, que não reconhece como sendo necessário o estudo diário, mesmo não atingindo a média necessária para passar nas unidades do ano letivo. Alguns alunos ainda utilizaram como pretexto, a falta de tempo, pois no horário de aula, não podiam faltar e no turno oposto, tinham várias razões para não procurarem os bolsistas, foram citados: trabalho, distância do colégio à casa e ainda falta de recursos para o transporte de casa para a escola.

Sabe-se que nos dias atuais, as pessoas, cada vez mais cedo têm que se dividir entre estudo, trabalho, e vida pessoal. Especialmente na escola em questão, pois as turmas são compreendidas por um número maior de adultos do que adolescentes, principalmente nas turmas em que estavam sendo acompanhadas.

Porém, segundo Oliveira (2008, p. 3) “o aluno deve separar um tempo para dedicar-se aos estudos a fim de ter um aproveitamento melhor no seu desempenho.” No colégio, pode-se perceber a falta de prioridade da rotina de estudo. Pois, mesmo com o rendimento escolar na disciplina de Química sendo abaixo da média, a maioria deles não conseguiram se organizar para estudar com os alunos do projeto.

Ao longo do período, os pibidianos também organizaram o Laboratório de Ciências e duas Feiras de Ciências, sendo que uma delas foi inserida em uma gincana estudantil e cultural que foi organizada pela escola em comemoração ao dia do estudante.

O Laboratório de Ciências da escola estava completamente desorganizado, com muitas coisas fora do lugar e sem nenhum controle dos materiais que lá continham, como reagentes e vidrarias. Observamos que, este era um dos fatores que faziam poucos professores utilizarem o espaço. Embora o INEP (BRASIL, 2004, p. 46) revele que o fato das escolas possuírem “um bem ou serviço, não assegura a sua utilização, já que é muito comum encontrarmos em escolas públicas e privadas laboratórios e bibliotecas pouco utilizados.”

Com a organização do laboratório de ciências, a frequência de aulas práticas na escola aumentou. Percebeu-se que mais professores passaram a utilizar o espaço e os materiais lá disponíveis. Isto acabou implicando na não conservação da ordem do laboratório, pois muitos professores que utilizam, não deixam o material em ordem e nem orientam seus alunos a organizarem. Eles alegam que não podem organizar o material devido à falta de tempo para isto, pois na maioria das vezes, ao terminar a aula prática com uma turma, ele deve ser dirigido, rapidamente a outra turma.

Percebemos o Laboratório de Ciências, como a cozinha de uma casa, onde todas às vezes que utilizarmos, devemos deixá-la organizada. Na escola em questão, em especial, por se tratar de ensino técnico, devemos ensinar aos nossos alunos que o material utilizado, deve ser higienizado após o uso, já que o colégio não tem um profissional técnico específico para este trabalho e organizar os horários das aulas práticas, deixando alguns minutos para estas tarefas. Quando isto não acontece, temos a impressão que o trabalho realizado foi em vão.

No segundo ano do projeto, após um período de observação, foi proposto aos bolsistas que desenvolvessem atividades como Situações de Estudo, proposta que busca quebrar a linearidade e fragmentação dos currículos e visa um ensino mais significativo e relevante ao aluno (MALDANER; ZANON, 2006) e Abordagem Temática, que permite abordagem dos conteúdos, à partir de temas sociais diretamente vinculados aos conceitos ambientais (SANTOS, et. al., 2004), dos quais elas pudessem aplicá-las nas salas de aula onde eram observadas. O tempo para o desenvolvimento das ações foi planejado de acordo com o trabalho a ser realizado. Alguns pibidianos desenvolveram o trabalho em 6 aulas (3 dias, já que as aulas são geminadas), para outros trabalhos foram necessários 16 aulas (8 dias).

Os trabalhos elaborados tiveram a supervisão, orientação e acompanhamento da professora coordenadora do projeto e da professora da disciplina, neste caso, supervisora deles na escola. Desta maneira, os pibidianos puderam por em prática, situações que eram antes, vistas apenas teoricamente. Segundo Tardif (2005, p. 58), para que os trabalhadores desenvolvam conhecimentos, competências e atitudes, é necessário estar em contato com essas situações. Sendo assim, eles estão tendo oportunidade de desenvolver saberes “que exigem tempo, prática, experiência, hábito etc.” Antes mesmo de exercerem o magistério profissionalmente.

As atividades propostas trouxeram aos alunos oportunidade de trabalho diferenciado do dia a dia da sala de aula, como por exemplo, visita técnicas, debates e

seminários, e ainda, diversificação na forma das avaliações. Trabalhos que, devido à grande carga horária semanal, e o número pequeno de Atividade Complementar (AC) é muito difícil de ser realizado por um professor somente. Daí a necessidade da articulação e diálogo constante com as disciplinas da área em comum. Prática que não é comum na escola em questão.

Outra atividade realizada neste período foi uma aula de revisão para o ENEM 2011, devido a crescente e significativa importância que este exame tem se tornado, principalmente como instrumento de seleção e classificação para o acesso à educação de nível superior. Esta aula teve a finalidade de oportunizar aos alunos da Unidade Escolar a revisar e tirar dúvida acerca de conteúdos e programas que os auxiliassem na realização da prova no exame.

Os alunos foram divididos para analisarem as provas dos últimos anos do exame, de acordo com as áreas do conhecimento, e encarregados de prepararem alguns slides que serviriam para o professor da disciplina, da unidade escolar, preparar sua aula. Ficaram também responsáveis pela organização da aula e produção do material distribuído.

A proposta foi levada aos professores da unidade escolar, através da professora supervisora do PIBID na escola, que ficou encarregada da articulação com os bolsistas e os profissionais. Talvez, esta tenha sido a parte mais difícil do processo, pois devido a vários feriados, a data escolhida foi uma noite de sexta-feira e a manhã do sábado seguinte. Desta forma, reunir professores e alunos nestes dias, não foi fácil. Alguns professores só confirmaram presença, às vésperas do evento, outros optaram por não utilizar o material produzido pelos bolsistas, até porque, em alguns casos, o professor preferiu preparar seu próprio material.

Desta forma, mesmo não conseguindo a participação de todos os professores das áreas específicas, da unidade escolar, (chegamos até a cogitar convidar professores de outras unidades), conseguimos, ao menos um professor de cada disciplina, sendo possível a realização do projeto.

Escolhemos o tema meio ambiente, já que é um tema recorrente no ENEM e unimos todos os materiais produzidos (questões do exame, slides, vídeo, etc.), dividimos os dois dias por área do conhecimento, de forma que as Ciências Humanas e a Matemática, foram apresentadas na sexta-feira, ficando as Ciências da Natureza e Linguagens, na manhã de sábado.

Os alunos que assistiram as aulas, participaram ativamente e declaram que a atividade foi muito importante para seu aprendizado. Eles também tiveram oportunidade, em outro momento, de fazer um simulado, onde foram reunidas, diversas questões de vários anos do ENEM, se ambientando com a prova, antes do dia da sua realização. Após a realização do Exame, muitos alunos, nos procuraram, para comentar as questões e discuti-la, enfatizando a importância do evento na escola para o seu desempenho final.

Considerações finais

Se tomarmos como base a péssima qualidade do ensino básico, onde sabemos que muitos alunos concluem o Ensino Médio com dificuldades de leitura, escrita e realizar as quatro operações básicas, como já mostrado em várias pesquisas nacionais, podemos inferir que os alunos que chegam à educação profissional com dificuldades de aprendizagem, trazem consigo uma carga que não é apenas de sua responsabilidade, mas de todo um sistema, que nós que atuamos na educação profissional não conseguiremos resolver.

Na UESC, pode-se perceber hoje, mudanças nas opções dos alunos com relação à participação nos projetos voltados à área de ensino, onde a participação é bem maior do que há sete anos. Acredito que isto se deve à maior preocupação e dedicação dos professores formadores com as disciplinas didáticas específicas, onde se observa maior interação e diálogo entre escola-universidade.

Percebe-se também que o pesquisador está deixando de olhar para o professor da Educação Básica apenas como objeto de pesquisa, passando a considerá-lo como sujeito do conhecimento. Estão começando a sair de seus gabinetes nas universidades e passando a frequentar as escolas, para ver como os professores pensam, trabalham e interagem com os demais atores da educação, como sugere Tardif (2005). Estes aspectos podem ser destacados como avanços no curso de licenciatura em Química.

Os pibidianos estão tendo a oportunidade de perceber que, não basta saber os conteúdos específicos da disciplina que vai ensinar e usar algumas 'técnicas pedagógicas', percebem ainda que ensinar não é uma tarefa fácil, e que não é qualquer um que pode se tornar professor. Os pibidianos, percebem que sendo professores, eles terão que lidar com diversas adversidades, que perpassam pelas condições de trabalho à violência na escola. Que este trabalho, vai muito além da preparação de aulas e atividades, e que muitas vezes temos que procurar diversas formas de explicar o mesmo conteúdo, mas mesmo assim, isto não significa que o aluno tenha apreendido.

Existem momentos que muitas vezes, os conteúdos terão que ser deixados de lado e o professor deve conversar com seus alunos sobre assuntos, que nem sempre estão relacionados com sua aula, que o professor deve saber ouvi-los e contribuir muito mais do que para sua formação em química, mas com sua formação geral enquanto cidadão que faz parte de um ambiente. E que no exercício da sua cidadania a química poderá contribuir com conhecimentos que vão muito mais além do nosso exercício de magistério.

Espera-se que os alunos bolsistas levem em seu currículo, muito mais que o convívio com a escola, mas também o "gosto" pelo magistério, e que se tronem muito mais que professores e sim educadores. Pois, mais importante que se professor, é ser educador, pois segundo Neto (2005, não paginado), "o professor tem a função de transmitir o seu conhecimento, enquanto o educador é comprometido com a formação integral do ser humano e com a sua interação com a família e a sociedade".

As atividades desenvolvidas pelos alunos do projeto, não são tarefas simples, mas quando se está aberto às mudanças e ao diálogo, é possível realizar, uma prova disto, está no diálogo de vários professores do colégio em questão, que afirmaram o desejo de repetir a atividade de revisão para o ENEM, propondo que se torne parte do calendário escolar. Além disto, ficou nítido, no decorrer das atividades, que a aprendizagem dos alunos do colégio foi significativa, onde eles foram avaliados processualmente na disciplina com bons desempenhos e declararam verbalmente, terem feito um boa prova no ENEM.

Quanto à professora da Unidade Escolar, a troca de experiência com os alunos que ainda estão na faculdade, a reflexão diária com os bolsistas, sobre sua prática didática e a aprendizagem e dificuldades dos alunos, trás incentivo à carreira, como uma troca imensurável de ideias e projetos, que se renovam a cada dia, perceber neles a vontade de mudar e se ingressarem ao magistério, mantém em nós a vontade de permanecer e buscar melhorias não só para o exercício, mas para a educação como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

X ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 2008, Paraíba, OLIVEIRA, G. M. P. de; ARAÚJO, A. C.; NASCIMENTO, J. M. L. do. **O ato de estudar na vida acadêmica**. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/anais/4.EDUCACAO/4CFTDCSAMT01.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) – Apresentação, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=467&id=233&option=com_content&view=article>. Acesso em: 15 mar. 2012.

_____, SAMPAIO, C. E. M. (Coord. Geral), Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira: **Estatísticas dos professores no Brasil**. 2004, 49 p.

_____, Ministério da Educação e Cultura; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, Edital CAPES N° 011 /2012, Lei n° 8.405, de 9 de janeiro de 1992. Disponível em: <http://www.uenp.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=860:informacoes-pibid&catid=77:destaques>. Acesso em: 10 mar. 2012.

_____, Ministério Especial de Estudos sobre Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras, ANDIFES, ABRUEM, SESu, MEC. **Diplomação, Retenção e Evasão nos cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior Públicas**. Out. 1996. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001613.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

LEITE, S. A. da S; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor**, disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MALDANER, O. A. **A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química – Professores /Pesquisadores**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. 424 p.

_____; ZANON, L. B. Situação de Estudo: uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em Ciências. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. (orgs.) **Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores**. 2ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 43-64.

NETO, C. de A. **DIFERENÇAS ENTRE PROFESSOR E EDUCADOR**. Disponível em: <www.psicopedagogia.com.br/opiniao/opiniao.asp?entrID=392>. Acesso em 10 fev. 2012.

PIBID. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Subprojeto de Licenciatura em Química, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2009.

RUIZ, A. I.; RAMOS, M. N.; HINGEL, M. **ESCASSEZ DE PROFESSORES NO ENSINO MÉDIO: Propostas emergenciais e estruturais**. Ministério da Educação, Conselho

Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Mai. 2007. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/comissoes/CE/AP/PDE/AP_03_CNE.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2012.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, 143-155 p. jan-abril. 2009.

SANTOS, W. L. P. et al. Química e Sociedade: uma experiência de abordagem temática para o desenvolvimento de atitudes e valores. **Química Nova na Escola**, n. 20, p.11-14, Nov. 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 325 p.

WENZEL, J. S.; ZANON, L. B. **Um olhar para a problemática dos saberes docentes na formação inicial de professores de química**. [S.l.:s.n.], [2003]

ZUCCO, C. Graduação em Química: avaliação, perspectivas e desafios. **Química Nova**, v. 30, n.6, p. 1429-1434, 2007.